

08.10.2010

In transition

Foi um longo processo. Não que normalmente não seja assim, mas no caso da instalação *Dubling*, o trabalho de Elida Tessler começou quando ainda nem sequer havia sido pensado.

Integrante da exposição *In Transition*, resultado do **Grants & Comissions Program** – programa de aquisição de obras da **Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO)**, em Miami –, a obra está sendo apresentada, desde o dia 2 de setembro, ao lado de trabalhos de Eugenia Calvo (Argentina), Gabriel Sierra (Colômbia), Iván Puig (México), Jorge Pedro Nuñez (Venezuela), Marco Maggi (Uruguai), Runo Lagomarsino (Argentina), além dos brasileiros Tatiana Blass, Gisela Motta e Leandro Lima. Porém, *Dubling* começou há bem mais tempo: no final de 2008.

Às vésperas de uma viagem à Paris, onde passaria o ano de 2009 realizando seu pós-doutorado (junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales e à Paris I - Panthéon-Sorbonne), com pesquisa em torno das relações entre arte e escrita, Elida recebeu um telefonema do curador e crítico de arte Moacir dos Anjos (atualmente, à frente da **29ª Bienal de São Paulo**). “Ele perguntou sobre minha disponibilidade em enviar um projeto de trabalho para a CIFO, a partir de sua indicação”, conta a artista. Moacir integra, desde 2006, o *advisory committee* da instituição, que apóia artistas latino-americanos por meio de vários programas, além de se responsabilizar pela conservação e pela divulgação da Coleção Ella Cisneros. Ela topou. “Soube, através dos formulários recebidos na ocasião, que meu projeto deveria ser inédito, e que eu estaria concorrendo com outros artistas indicados pelos integrantes do comitê”, relembra. “Fiquei bastante entusiasmada com a ideia”.

Para submeter a proposta, Elida teve de formatar o que antes eram ideias esparsas, que já vinham guardadas desde julho daquele ano. *Dubling*, na verdade, “nasceu em silêncio”, nas palavras da artista, durante uma caminhada por Dublin, capital da Irlanda. Em passagem pelo país para participar de um congresso, ela decidiu visitar o James Joyce Center, onde se inscreveu para uma visita guiada pelas ruas por onde o escritor caminhava, pontuando endereços e marcos urbanos essenciais para a construção do romance *Ulisses*. Segundo Elida, o guia fazia o grupo parar em determinadas esquinas, pontes ou portas, onde lia passagens do livro referentes ao local. “Eu, com pouco domínio do idioma, acrescentei o visual ao textual, prestando muita atenção à forma como era realizada a leitura e aos elementos que faziam parte do entorno. Meu pensamento foi criando um ritmo, no qual as ações tornavam-se evidentes: ele está lendo, nós estamos caminhando, o carro está passando, agora está chovendo... Enfim, a vida está acontecendo”, recorda a artista. Daí para escrever o nome da capital irlandesa assumindo a condição de gerúndio, com o sufixo 'ing' ao final, foi um passo.

Até então, Elida sempre havia tido vontade de ler *Ulisses*, mas nunca passava das dez primeiras páginas. “Saltava diretamente para o terceiro capítulo, onde está o parágrafo trabalhado por Georges Didi-Huberman [*filósofo, historiador e crítico de arte francês*] em seu ensaio *O que vemos, o que nos olha*, quando a inelutável modalidade do

visível é evocada. Como reagir a uma proposição que, em sua última frase, nos orienta: ‘Feche os olhos e veja’? Talvez *Dubling* tenha sido a minha maneira de fechar os olhos por um período de dois anos, para passar pela experiência do inelutável e pela busca de uma modalidade através da qual eu pudesse recriar o jogo entre o ver e o ler”, reflete.

Assim, 1º de julho de 2008, data da visita à cidade, tornou-se o marco inaugural de *Dubling*, “um trabalho que ainda nem sequer tinha sido pensado”. No mesmo dia, Elida comprou o romance de Joyce em seu idioma original, na mesma edição que o guia utilizava, e se propôs a ler *Ulisses* em inglês, sublinhando todos os verbos no gerúndio encontrados ao longo do texto. Ou seja, iniciada a leitura, a obra já estava em processo – embora ainda em estado de esboço, sem rumo certo. Foi ao receber a indicação de Moacir dos Anjos e comprometer-se com o envio do projeto que ela deu ao trabalho um delineamento mais preciso: criou um método para a leitura, escolheu os materiais que comporiam a obra e estabeleceu que todos eles estariam no mesmo número dos verbos no gerúndio encontrados na história, em sua contagem final – fechada somente em julho de 2009, com o total de 4311.

Para se decidir por garrafas, rolhas e cartões-postais, ela diz ter atendido ao que foi sugerido pelo próprio romance. “Há uma frase essencial, de um diálogo no mais alucinante dos capítulos, ao meu entender, quando Leopold Bloom encontra-se com amigos em um bordel, e diz: *‘Man and woman, Love, what is this? A cork and a bottle’* Neste momento, me dei conta que, na vida, tudo é uma questão de encaixe”, conta. Daí a escolha de rolhas e garrafas como suporte para as palavras. Além delas, também compõem o trabalho 4311 cartões-postais únicos, cada um deles com uma imagem do Rio Liffey, que que corta Dublin e atravessa todo o romance de Joyce.

O método de leitura estabelecido por Elida também teve suas peculiaridades: ela leu o livro inteiro apenas em cafés, com a proposta de nunca repetir o mesmo local. Foi guardando todos os recibos, com o nome de cada um dos locais, seu endereço, a data e o horário de permanência, os itens e o valor do consumo. “Fiz uma espécie de diário de leitura, com a respectiva lista de verbos no gerúndio sublinhados a cada ocasião. Estes foram os primeiros ateliês para a construção de *Dubling*”, explica. Isto porque, enquanto concluiu seu pós-doutorado em Paris, o **Torreão**, misto de escola, ateliê e espaço expositivo, que ela manteve por mais de 15 anos ao lado de Jailton Moreira, teve suas atividades encerradas. O fechamento não só representou o fim de uma instituição que marcou a cena artística de Porto Alegre, como também deixou Elida, de certa forma, sem um espaço próprio para trabalhar. “Precisei buscar um local onde pudesse organizar meu material e meus trabalhos anteriores, então, aluguei um apartamento e o assumi como ateliê temporário”, conta. “Mas ateliê a gente inventa onde quer que esteja”, atesta, sem grandes preocupações. Afinal, os cafés parecem ter funcionado bem.

Elida recebeu o resultado da seleção da CIFO em 3 de fevereiro de 2010, exatamente um dia depois de seu retorno ao Brasil, vinda do período na França. Já tendo lido o livro e finalizado a lista de verbos, a artista realizou o restante do trabalho neste espaço de ateliê temporário. Lá, porém, nunca chegou a uma montagem final de *Dubling*: seu processo sempre se encerra no próprio espaço expositivo. “Esta é uma

constante em minhas proposições. Elas dependem do acordo entre os materiais e o espaço. Jailton sempre diz que meu trabalho 'se acomoda' quando vou depositando, um a um, os elementos no local. É uma espécie de pouso, materializando a idéia", analisa.

Assim, o desenvolvimento de *Dubling* aconteceu, segundo ela, de acordo com a dinâmica da concepção de cada elemento. Primeiro, comprou as rolhas e providenciou a gravação das palavras. Em seguida, retornou à capital irlandesa, em maio deste ano, para fazer as fotografias que, posteriormente, foram impressas junto dos verbos nos cartões-postais. Estes elementos, levou consigo do Brasil para Miami.

Porém, por questões de logística e estrutura, todas as garrafas nas quais as rolhas seriam colocadas foram compradas direto nos Estados Unidos – ou seja, Elida não teve nenhuma garantia do encaixe perfeito até chegar lá. Além disso, a mesa sobre a qual estão expostos os cartões foi construída pela CIFO, a partir das especificações de dimensões e tipo de madeira feitas pela artista, o que também mantinha a possibilidade de que fossem necessários ajustes. "Deixei para resolver todos os problemas técnicos que porventura viessem a aparecer no momento da montagem final do trabalho. Desta forma, mantive o frescor e o desafio do embate com o espaço da instalação", explica ela, com aparente tranquilidade.

Porém, construir *Dubling* não foi uma tarefa exatamente fácil – o que se pode concluir apenas pela quantidade de objetos envolvidos. "A CIFO tinha uma equipe de montadores bastante eficiente, mas eles atendiam a necessidades dos nove trabalhos que estavam sendo montados ao mesmo tempo", relata Elida. Por vezes, ela ficou sozinha na realização de algumas tarefas, ou acompanhada de apenas um montador. Aos poucos, percebeu que colocar as rolhas nas garrafas era o maior desafio – e, embora ao final do dia toda a equipe se reunisse para fazer este trabalho, já não estavam dando conta. Portanto, em um dado momento, um auxiliar extra foi contratado, exclusivamente para "arrolhar". Por aconselhamento de um vinicultor, consultado pela própria equipe da CIFO, foram comprados quatro equipamentos "arrolhadores" chamados, em inglês, de *Wine Bottle Re-corking*, sob a justificativa de que permitiriam que o trabalho fosse realizado em menos tempo. Mas, ainda assim, o trabalho era manual e exigia muita força. Em meio ao processo, a equipe descobriu, sem querer, que a rolha molhada entrava mais fácil – ou seja, a água funcionava como um lubrificante. "Acho que James Joyce gostaria deste detalhe", alegre-se Elida.

Agora, as máquinas estão sendo enviadas para a artista em Porto Alegre. "Preto colocá-las em uma futura instalação, sem a função de 'arrolhar', mas porque são muito bonitas mesmo", adianta. Na CIFO, para que tudo ficasse pronto, foram necessários oito dias e mais alguns ajustes no dia da inauguração. "Na verdade, fui a responsável pela colocação da maioria das garrafas, e assumi um estado meditativo, que se iniciou com a primeira, me fazendo refletir sobre a justaposição e a seriação das coisas, no seu mais amplo sentido", conta. "A grande quantidade de garrafas acabou se tornando apenas um fragmento de algo muito maior", analisa Elida.

Durante um intervalo da montagem, decidiu apresentar aos organizadores da exposição o vídeo *Liffeying*, feito por ela e pela artista Leticia Bertagna para as

comemorações do *Bloomsday* deste ano (16 de junho, data celebrada mundialmente como marca da emblemática jornada do protagonista de *Ulisses* por Dublin), no Studio Clio, em Porto Alegre. A produção reúne as imagens dos cartões-postais e a voz do escritor e professor Donald Schuler – que foi responsável pela tradução do último livro do irlandês, *Finnegans Wake*, publicado no Brasil em 1999 –, lendo a lista completa dos verbos selecionados por Elida, na ordem em que aparecem no romance. “Ali, na proximidade com o mar de garrafas, *Liffey* ganhou outro sentido, e imediatamente foi incorporado à instalação”, conta a artista. Ele está sendo apresentado em um mini-DVD player, com tela de 10x15cm, exatamente na dimensão de um cartão-postal.

Mas esta não foi a única complementação à proposta inicial de *Dubling*: Elida também decidiu fazer um livreto de cartões-postais, a ser vendido na loja da CIFO. Cada um vem com dezoito unidades, ilustradas por uma imagem do Rio Liffey e especialmente escolhidas para corresponderem aos dezoito capítulos do romance: cada imagem de água está acompanhada pelo último gerúndio de cada capítulo. “Desta forma, estes cartões-postais podem ser comprados e utilizados normalmente, refazendo a circularidade do trabalho”, analisa.

Dubling fica em exposição na **Cisneros Fontanals Art Foundation** até 7 de novembro, mas passa a fazer parte da Coleção CIFO. Provavelmente, venha a ser remontado no ano que vem, em uma exposição na capital norte-americana, Washington. “*Dubling* é uma instalação que assume seu estado 'gerúndico': poderá apresentar-se em distintas configurações, dependendo dos outros locais de exposição. Não é um site-specific, não foi criada para ser vista em apenas um lugar”, explica Elida.

Imagens: Elida Tessler/divulgação